ISSN: 2358-8829

MEMÓRIA, ARQUIVO E TESTEMUNHO EM EL ESPÍRITU DE MIS PADRES SIGUE SUBIENDO EN LA LLUVIA, DE PATRICIO PRON: UMA PROPOSTA DE RECONFIGURAÇÃO DO ROMANCE INVESTIGATIVO

Fábio Rodrigues da Silva[1]

INTRODUÇÃO

Diante dos traumas deixados pelas ditaduras do século XX, a literatura latino-americana contemporânea tornou-se espaço de reelaboração estética e ética. Nessa tradição, narrar não é apenas registrar o que aconteceu, mas disputar o sentido do ocorrido, sobretudo quando o aparato repressor apagou rastros, silenciou testemunhas e produziu versões oficiais. No caso argentino, a ditadura cívico-militar (1976-1983) deixou como herança a figura do desaparecido, cuja ausência não se encerra pelo luto nem pelo documento, e uma geração de filhos que cresceu entre o silêncio e a suspeita. Por isso, tais narrativas interessam também ao ensino de literatura, já que colocam o leitor diante de lacunas, de vozes em disputa e de versões contestadas do passado, o que demanda mediação.

Entre os escritores dessa geração, destaca-se Patricio Pron, cuja obra *El espíritu de mis padres sigue subiendo en la lluvia* (2011) acompanha o retorno do narrador à Argentina, depois de anos no exterior, para visitar o pai doente, circunstância que o conduz ao confronto com o silêncio, o esquecimento e as lacunas deixadas pela violência estatal. Nesse percurso, o romance subverte o modelo tradicional do romance investigativo ao combinar procedimentos jornalísticos com uma escrita autoficcional que articula documentos, lembranças e relatos na reconstrução instável e fragmentária da memória pessoal e coletiva. A narração assume, assim, uma dimensão de resistência ao apagamento histórico, fazendo da obra um arquivo literário da ditadura e, simultaneamente, uma experiência narrativa que desafia as expectativas de linearidade, verdade e completude próprias da investigação.

Nesse contexto, a pergunta que orienta este trabalho é de que maneira o romance de Pron se afasta do modelo investigativo tradicional e que práticas de leitura essa subversão exige,

[1] Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande – PPGLE/UFCG, fabiorodrigsilva@gmail.com.

de modo a favorecer o letramento literário. O objetivo geral é analisar como o romance reconfigura o modelo investigativo ao tratar memória, arquivo e lacuna como matéria narrativa, a fim de discutir suas potencialidades para o ensino de leitura literária e, para isso, o percurso compreende (a) investigar como o romance articula procedimentos do gênero investigativo e autoficção na construção da narrativa; (b) analisar como documentos, silêncios e lacunas participam da reconstrução da memória da ditadura, com foco no arquivo e no trauma herdado; e (c) discutir as contribuições do romance para o ensino de leitura literária, na perspectiva do letramento literário, por meio de eixos de mediação em sala de aula.

A pesquisa se justifica, em primeiro lugar, pelo potencial da obra para o ensino de leitura literária, pois o romance articula linguagens documental, memorialística e narrativa e exige do leitor práticas interpretativas como a leitura de lacunas, a análise de múltiplas vozes e a problematização da memória histórica, contribuindo, além disso, para os estudos sobre literatura de memória. A abordagem é qualitativa, bibliográfica e interpretativa e se fundamenta em Seligmann-Silva (2000), Gagnebin (2006) e Figueiredo (2017) sobre memória e trauma, em Agamben (2008) e Didi-Huberman (2020) acerca do não-dito e da imagem como sobrevivência e em Iser (1996, 1999), Candido (2011) e Cosson (2006) acerca da leitura literária e de seu ensino. Os resultados indicam que o romance desafia as expectativas de linearidade, verdade e completude investigativa próprias do gênero policial, e, ao tratar documentos, silêncios e lacunas como matéria narrativa, constrói uma poética da ausência em que o espaço da investigação e o tempo da lembrança se sobrepõem e que articula memória, testemunho, arquivo e resistência. Esses resultados sugerem, assim, que essa poética favorece o letramento literário e a formação de leitores críticos.

METODOLOGIA

Quanto ao método, a pesquisa é qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, e tem como corpus o romance *El espíritu de mis padres sigue subiendo en la lluvia* (Pron, 2011). Dele, selecionamos recortes em razão de sua afinidade com as categorias de análise, a saber, contexto sócio-histórico, investigação subvertida, resistência política, reelaboração do trauma e a máxima de lembrar para não se repetir. Além disso, as citações são mantidas em espanhol, com a tradução publicada em português, de Gustavo Pacheco (Pron, 2018), em nota de rodapé. Cada recorte é precedido de breve contextualização do episódio e das personagens envolvidas.

O percurso compreendeu a leitura da fundamentação teórica, a seleção dos recortes, sua leitura aproximada à luz das categorias de memória, trauma e testemunho e de imagem e arquivo, e, por fim, a relação desses achados com possibilidades de mediação no ensino de leitura literária. Ademais, as proposições didáticas não resultam de aplicação em sala, mas de uma leitura analítica que pretende subsidiá-la.

REFERENCIAL TEÓRICO

Memória, arquivo e lacuna

A discussão sobre memória e trauma parte da premissa, formulada por Seligmann-Silva (2000), de que o evento traumático excede a capacidade de simbolização do sujeito, o que produz, na literatura de testemunho, uma tensão entre a necessidade de narrar o vivido e a impossibilidade de fazê-lo por inteiro, de modo que a escrita passa a contornar a experiência em vez de descrevê-la diretamente. Esse limite, contudo, não conduz necessariamente ao silêncio, pois lembrar e escrever constituem, na perspectiva de Gagnebin (2006), formas de resistir ao esquecimento, ainda que a memória daí resultante seja rastro, isto é, presença de algo que já não está, manifesta em fissuras e fragmentos e não em uma totalidade recuperável, noção que interessa a um romance construído por indícios. A essa discussão soma-se a contribuição de Figueiredo (2017), que, ao estudar a produção literária sobre ditadura, em especial a brasileira, concebe a literatura como arquivo e como elemento ativo na transmissão da memória, preservando as experiências daqueles que foram afetados pela violência do regime e constituindo um espaço de elaboração do trauma por ele deixado.

No campo do testemunho, a lacuna é constitutiva, pois, como observa Agamben (2008), quem poderia dizer tudo não sobreviveu para dizê-lo, e por isso o testemunho carrega uma falta em seu centro, de modo que o não-dito não equivale à ausência de sentido, configurando antes uma resistência ética a qualquer dizer que pretenda totalizar, enquanto o arquivo passa a designar o sistema das relações entre o que se diz e o que se cala. Em perspectiva próxima, ainda que voltada para as imagens, Didi-Huberman (2020) examina fotografias produzidas em condições extremas e sustenta que, mesmo precárias e lacunares, elas sobrevivem ao que se quis apagar e guardam algo dele, o que rejeita tanto a ideia de que o horror seria inimaginável quanto a expectativa de que a imagem diria tudo e faz da imagem uma sobrevivência cujo sentido depende da relação estabelecida entre fragmentos. Essa dimensão do arquivo e da

imagem interessa a um romance composto por documentos, lembranças e relatos, no qual o que não é dito também participa da construção do sentido.

Leitura literária e letramento literário

Para pensar a leitura de lacunas, recorre-se a Iser (1996, 1999), para quem o texto literário não diz tudo e deixa vazios que o leitor preenche ao construir o sentido, de modo que ler é interagir com o que o texto oferece e com o que o leitor traz. Essa perspectiva sustenta a ideia de que a lacuna não é falha, mas condição da leitura. No plano da formação, Candido (2011) defende a literatura como direito, por ser fator de humanização, o que muda a pergunta de se a escola deve ler literatura para como garantir esse acesso. Já no plano da mediação, Cosson (2006) define o letramento literário como processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, o que exige que a escola ultrapasse o uso do texto como pretexto para outras finalidades e abra espaço para a interpretação, construída em diálogo com outros leitores, em uma sequência que passa por motivação, introdução, leitura e interpretação e que fundamenta as implicações discutidas adiante para a sala de aula. Articuladas, essas perspectivas sustentam a ideia de que a lacuna não é falha a corrigir, mas elemento constitutivo da narrativa, o que justifica tomar a leitura de lacunas como prática de letramento literário, de modo que os conceitos não são aplicados isoladamente, mas mobilizados de forma combinada, conforme cada recorte exige.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance é narrado em primeira pessoa por um escritor argentino que mora na Alemanha de 2000 a 2008. Em agosto de 2008, ele volta ao país porque o pai, jornalista e ex-militante político, foi internado. Na casa dos pais, encontra no escritório do pai uma pasta com a etiqueta “Burdisso”, que guarda recortes de jornal e outros papéis sobre o desaparecimento de Alberto José Burdisso, homem de sessenta anos que vivia sozinho em El Trébol, cidade da província de Santa Fé. Burdisso desapareceu em 1º de junho de 2008, e seu corpo foi encontrado em um poço abandonado no dia 20 do mesmo mês. A leitura da pasta leva o narrador a concluir que o interesse do pai pelo caso se originou em outro desaparecimento, o de Alicia Burdisso, irmã de Alberto, sequestrada em Tucumán em 1977, durante a ditadura (Pron, 2011). O narrador

então se detém a tentar entender a relação entre os desaparecimentos a partir das investigações iniciadas pelo pai.

Geração, gênero e a recusa do modelo policial

Ao falar da própria geração, o narrador conta que foi concebido pouco depois da dissolução da organização política da qual seus pais faziam parte e que nasceu em dezembro de 1975, meses antes do golpe de março de 1976. Sobre o hábito de perguntar a outras pessoas em que ano nasceram, ele diz:

> Me gusta preguntarles a las personas que conozco cuándo han nacido; si son argentinos y han nacido en diciembre de 1975 pienso que tenemos algo en común, ya que todos los nacidos por esa época somos el premio consuelo que nuestros padres se dieron tras haber sido incapaces de hacer la revolución (Pron, 2011, p. 124).[2]

O narrador se inclui entre os filhos gerados depois que o projeto político dos pais havia fracassado. A expressão "prêmio de consolação" apresenta o nascimento da geração como compensação por uma revolução que não aconteceu, e o tom irônico evita a solenidade ao tratar de uma perda coletiva. Esse humor ácido ilustra o que Figueiredo (2017) descreve como elaboração do trauma pela literatura, uma vez que o narrador lida com um passado que não viveu diretamente, mas que define sua posição. A partir dela, o retorno à casa dos pais o coloca diante de uma história familiar e nacional que permaneceu em silêncio.

Depois de examinar, na pasta do pai, um anúncio de jornal sobre Alicia Burdisso e fotografias dela com o pai e outros jovens dos anos 1960, o narrador conclui que o interesse do pai pelo caso de Alberto vinha do que ocorreu com Alicia, a quem o pai teria envolvido na política. Em seguida, reflete sobre como contar a história dos pais:

> [...] me di cuenta de que no había forma de contar su historia a la manera del género policial o, mejor aún, que hacerlo de esa forma sería traicionar sus intenciones y sus luchas, puesto que narrar su historia a la manera de un relato policial apenas contribuiría a ratificar la existencia de un sistema de géneros, es decir, de una convención, y que esto sería traicionar sus esfuerzos, que estuvieron dirigidos a poner

[2] "Gosto de perguntar às pessoas que eu conheço em que ano elas nasceram; se são argentinos e nasceram em dezembro de 1975, sinto que temos algo em comum, já que todos nós que nascemos nessa época somos o prêmio de consolação que nossos pais deram a si mesmos depois de não terem conseguido fazer a revolução." Em todas as notas de tradução, utiliza-se a edição brasileira de Gustavo Pacheco, em formato digital e sem paginação (Pron, 2018).

> en cuestión esas convenciones, las sociales y su reflejo pálido en la literatura (Pron, 2011, p. 105).[3]

O narrador justifica a recusa do gênero policial por uma razão ética e política. Para ele, o gênero é uma convenção, e a luta do pai tentou desafiar as convenções sociais e seus reflexos na literatura, de modo que contar a história nessa forma equivaleria a ratificá-las. A recusa atinge o modelo e preserva a investigação, pois o romance mantém a busca, os documentos, os indícios e o deslocamento do investigador e o que ele suspende é a expectativa de uma verdade localizável e completa, que o gênero costuma cumprir. A investigação passa, então, a procurar sentido além dos fatos, e a verdade surge de testemunhos instáveis e incompletos.

Essa posição se relaciona com a lacuna que Agamben (2008) situa no centro do testemunho. O narrador investiga sem poder totalizar o que encontra, e a estrutura fragmentária do romance, que reúne documentos, lembranças e relatos orais, ocupa o lugar da linearidade jornalística. Por sua vez, a autoficção contribui para esse efeito, pois a trajetória do narrador se aproxima da do autor, e o texto situa o "eu" dentro da investigação, o que o impede de atuar como observador neutro de uma história que também lhe pertence.

Nas páginas iniciais do romance, o narrador ainda está na Alemanha e, depois de perder grande parte da memória dos anos ali vividos por causa do consumo de drogas, imagina que um filho seu poderia querer um dia reconstituir esse período. A partir dessa hipótese, formula uma imagem geral da relação entre filhos e pais:

> Los hijos son los detectives de los padres, que los arrojan al mundo para que un día regresen a ellos para contarles su historia y, de esa manera, puedan comprenderla. No son sus jueces, puesto que no pueden juzgar realmente con imparcialidad a padres a quienes se lo deben todo, incluyendo la vida, pero pueden intentar poner orden en su historia, restituir el sentido que los acontecimientos más o menos pueriles de la vida y su acumulación parecen haberle arrebatado, y luego proteger esa historia y perpetuarla en la memoria (Pron, 2011, p. 8-9).[4]

---

[3] "[...] percebi que não havia forma de contar a história deles à maneira do gênero policial ou, para ser mais preciso, que contá-la dessa maneira seria trair suas intenções e suas lutas, já que narrar a história deles como se fosse uma história de detetive apenas contribuiria para ratificar a existência de um sistema de gêneros, ou seja, de uma convenção, e que isso seria trair seus esforços, que tentaram desafiar essas convenções, tanto as convenções sociais como seus pálidos reflexos na literatura."

[4] "Os filhos são os detetives que os pais lançam no mundo para que um dia retornem e contem a eles sua história e, assim, eles mesmos possam compreendê-la. Os filhos não são os juízes dos pais, já que não podem julgar de maneira realmente imparcial alguém a quem devem tudo, inclusive a vida, mas podem tentar colocar ordem em sua história, restituir o sentido que foi apagado pelos acontecimentos mais ou menos pueris da vida e sua acumulação, e depois proteger essa história e perpetuá-la na memória."

A imagem atribui aos filhos a tarefa de recompor a história dos pais e lhes retira a função de julgá-los. Eles podem organizar os fragmentos do passado, restituir sentido às experiências e proteger a história na memória, o que corresponde a compreender sem emitir veredito e se aproxima da concepção de Gagnebin (2006) de lembrar e escrever como resistência ao esquecimento. Em seguida, o narrador acrescenta que os filhos são os policiais dos pais, "pero a mí no me gustan los policías. Nunca se han llevado bien con mi familia" (Pron, 2011, p. 8-9).[5] A frase recusa a identificação com a polícia, que o romance relaciona à repressão sofrida pela família, pois, conforme passagens de um livro sublinhadas pelo pai, Alicia Burdisso foi vista pela última vez no quartel-general da Polícia de Tucumán (Pron, 2011); assim, a investigação adota procedimentos do detetive e recusa a posição do policial.

A imagem inclui ainda a ideia de retorno, já que os pais lançam os filhos ao mundo "para que un día regresen". O romance realiza esse movimento, pois o narrador volta à Argentina em 2008 e, na casa dos pais, encontra os papéis que o levam ao passado do pai. A volta tem, portanto, dimensão geográfica e temporal, e o espaço da investigação, a casa e o país dos pais, se sobrepõe ao tempo da lembrança.

Arquivo, lacuna e trauma

A pasta que o pai reuniu sobre o caso Burdisso contém notícias, mapas, fotografias e outros papéis sobre a busca. O pai, jornalista, havia sido colega de escola primária de Alberto Burdisso. Depois de examinar esse material, o narrador formula uma hipótese sobre o modo como o pai o organizou:

> Era como si mi padre hubiera deseado descomponer el crimen en un puñado de datos insignificantes, en un montón de documentos notariales, descripciones técnicas y registros oficiales cuya acumulación le hiciera olvidar por un instante que la suma de todos ellos conducía a un hecho trágico, la desaparición y la muerte de un hombre en un pozo abandonado [...] mi padre procurando colaborar con la búsqueda de Burdisso y yo intentando buscar y hallar a mi padre en sus últimos pensamientos antes de que todo lo que había sucedido sucediera (Pron, 2011, p. 88-89).[6]

[5] "[...] mas eu não gosto de policiais. Nunca se deram bem com a minha família."
[6] "Era como se meu pai quisesse reduzir o crime a um punhado de dados insignificantes, um monte de documentos de cartório, descrições técnicas e registros oficiais, cuja acumulação lhe fizesse esquecer por um instante que a soma de todos esses elementos levava a um fato trágico, o desaparecimento e a morte de um homem em um poço abandonado [...] meu pai tentando colaborar na busca por Burdisso e eu tentando procurar e encontrar meu pai em seus últimos pensamentos antes que tudo o que havia acontecido acontecesse."

ISSN: 2358-8829

No trecho, o narrador interpreta o conteúdo da pasta em tom de suposição, como indica o “era como si”. Ele imagina que o pai quis decompor o crime em dados insignificantes, em documentos de cartório, descrições técnicas e registros oficiais, de modo que a acumulação desse material o fizesse esquecer, por um instante, o fato trágico a que todos conduzem. Nessa leitura, a linguagem burocrática age como anestesia, pois neutraliza o horror e cria distância. Segundo Agamben (2008), o arquivo é o sistema das relações entre o dito e o não-dito, e o documento notarial registra apenas o que pode ser registrado, de modo que o luto pela irmã de Burdisso, Alicia, fica fora dele. Esse luto retorna, porém, pela simetria que o narrador supõe que o pai não conseguiria evitar, entre a morte de Alberto no poço e o desaparecimento de Alicia. A lacuna também está no material do pai, como na árvore genealógica que ele desenhou para Burdisso, em que só constam as datas de nascimento e de morte de Alberto e de Alicia, e a data da morte de Alicia é um ponto de interrogação (Pron, 2011).

O trecho apresenta ainda um segundo movimento, o do narrador que procura o pai, como visto em “en sus últimos pensamientos antes de que todo lo que había sucedido sucediera”. O filho investiga o investigador e os papéis do pai passam de objeto de busca a meio pelo qual ele tenta alcançá-lo. Nesse movimento, o espaço documental da investigação e o tempo da lembrança se sobrepõem, pois o narrador procura, no presente da escrita, um pensamento anterior aos fatos. A correspondência entre a busca do pai por Burdisso e a do filho pelo pai é descrita no próprio texto como uma segunda simetria, involuntária, da qual o pai jamais saberia. Como essa correspondência resulta da aproximação de fragmentos e não de uma explicação causal, o procedimento se aproxima do que Didi-Huberman (2020) descreve para as imagens que sobrevivem, que só adquirem sentido quando postas em relação. O romance reorganiza, assim, o conjunto de documentos e produz sentidos que nenhum deles continha isoladamente.

O tratamento do trauma nesse trecho se alinha ao que descreve Seligmann-Silva (2000), para quem a escrita contorna a experiência que não consegue descrever diretamente. O desaparecimento de Alicia não é relatado nesse trecho e aparece apenas pela via da simetria, do documento e da busca por outro desaparecido, Alberto. A ausência de narração direta compõe a poética da ausência do romance, na medida em que leva o leitor a tratar o passado como relato inconcluso. Na última folha da pasta, intitulada “Fala no funeral de Alberto José Burdisso”, o narrador encontra a transcrição do que o pai disse no enterro, no cemitério de El Trébol, em 21 de junho de 2008; nela, o pai fala de Alicia, desaparecida exatamente trinta e um anos antes. Dois momentos da fala interessam à análise:

> [...] Sin aquellos jóvenes como fue Alicia, no podríamos hoy decir lo que pensamos, obrar como creemos que hay que hacerlo, elegir nuestro destino. [...] Hoy despedimos a Alberto como no pudimos hacerlo con Alicia. Por eso, cuando pidan justicia para él, recuerden pedirla también para ella (Pron, 2011, p. 92).[7]

A fala está em um documento do arquivo do pai, e a voz que se ouve nela é a dele e isso permite comparar duas posições do pai diante do mesmo caso. Na leitura que o narrador faz da pasta, o pai usa a linguagem burocrática como anestesia diante do crime, mas já no discurso fúnebre, ele fala em público e sem esse distanciamento, e associa a ausência de Alicia à espera da verdade, ao pedido de justiça e à exigência de memória. O arquivo guarda, assim, o registro neutro e a palavra de despedida. O trecho liga ainda a memória a um fundamento político, pois as liberdades do presente, como falar, agir e escolher, são atribuídas aos jovens desaparecidos como Alicia, e o pedido final aproxima os dois casos ao dizer que a justiça pedida para Alberto deve ser pedida também para ela.

O pedido final da fala ilustra a ideia de Gagnebin (2006) de que lembrar é resistir ao esquecimento, pois se dirige a uma coletividade que deve manter viva a lembrança de Alicia. Ao incorporar o discurso ao romance, o texto estende esse chamado ao leitor, que recebe um passado inconcluso e participa de sua reconstrução. Nesse sentido, a narrativa funciona como reparação simbólica, já que mantém, por escrito, o pedido de que Alicia seja lembrada.

Implicações para o ensino de leitura literária

Com base na análise, o romance de Pron oferece à sala de aula uma experiência de leitura que dificilmente se reduz ao resumo ou à identificação de fatos. Em primeiro lugar, ele articula linguagens diversas, como a documental (registros, descrições técnicas, a fala de despedida), a memorialística (lembranças) e a narrativa (a trama da busca), o que pressupõe que o leitor reconheça como esses registros se combinam e que sentido produzem. Em segundo lugar, exige a leitura de lacunas, pois o essencial está muitas vezes no que o texto não diz e cabe ao leitor, como em Iser (1996, 1999), preencher esses vazios, o que desloca a pergunta do leitor de “o que aconteceu?” para “o que o texto faz com aquilo que falta?”. Em terceiro lugar, mobiliza a análise das vozes, a do narrador e a do pai, que aparece nos documentos em registros distintos, como a linguagem burocrática das anotações e a fala de despedida, e obriga a

[7] “Sem jovens como Alicia, hoje não poderíamos dizer o que pensamos, agir como acreditamos que devemos agir, escolher nosso destino. [...] Hoje, estamos nos despedindo do Alberto, o que não pudemos fazer com a Alicia. Por isso, quando pedirem justiça para ele, lembrem-se de pedir para ela também.”

ISSN: 2358-8829

perguntar quem fala, para quem e com que autoridade. Por fim, problematiza a memória histórica, ao mostrar que ela é construída, disputada e inacabada.

Essas exigências podem ser traduzidas em perguntas de leitura concretas. No recorte sobre a geração do narrador, o estudante pode se perguntar por que o humor aparece em um texto que trata de uma perda coletiva, o que evita ler a ironia como leveza ingênua e a aproxima de um modo de elaborar o trauma, e, diante da recusa do gênero policial, a pergunta deixa de ser quem cometeu o crime e passa a ser que expectativas de gênero o texto frustra e por quê. No trecho sobre o arquivo, cabe perguntar o que os documentos registram e o que silenciam, o que desloca a atenção da informação para o modo como ela é construída, e a sobreposição entre espaço e tempo aparece quando se nota que o deslocamento do narrador pelo país é também um deslocamento pelo passado dos pais. Já a fala de despedida permite perguntar a quem o texto pede que se lembre e o que isso exige de quem lê.

Quanto ao letramento literário, no sentido de Cosson (2006), essas características favorecem um percurso em que a leitura se constrói como apropriação da literatura enquanto linguagem e que pode seguir as etapas da sequência básica do autor. A motivação pode partir do tema do silêncio e da herança, com o cuidado de reconhecer que histórias familiares de violência podem ser sensíveis para alguns estudantes, e a introdução pode apresentar o autor, a obra e o contexto da ditadura argentina. A leitura de recortes, como os selecionados neste trabalho, permite trabalhar o romance em fragmentos, o que é coerente com sua própria estrutura, desde que os recortes sirvam à leitura integral da obra e não a substituam. A interpretação, por sua vez, deve ser compartilhada, pois a leitura da memória é também leitura em comum. Nesse momento, em que Cosson (2006) prevê a externalização da leitura em um registro, os estudantes podem, por exemplo, montar uma sequência de fragmentos ou comparar o que esperavam do gênero policial com o que o texto entrega.

Em síntese, o Quadro 1 sistematiza esses eixos a partir dos recortes analisados.

Quadro 1 – Recortes do romance e possibilidades de mediação

Eixo de leitura	Prática de leitura
Contexto e geração	Situar o narrador em relação ao golpe de 1976 e discutir a ironia do “prêmio de consolação”; comparar com a experiência de filhos de gerações marcadas pela repressão no Brasil.
Gênero e convenção	Listar o que se espera de um romance policial (culpado, solução, linearidade) e verificar o que o narrador recusa e por quê.
Vozes e posições	Debater a metáfora dos filhos como detetives e a recusa dos policiais, considerando quem investiga, quem julga e quem protege a memória.

Eixo de leitura	Prática de leitura
Documento e lacuna	Identificar o que os documentos registram e o que silenciam e produzir uma montagem com fragmentos do trecho e de outros materiais.
Memória e justiça	Analisar a fala do pai no funeral de Alberto Burdisso e a relação que ela estabelece com Alicia, comparando-a com a linguagem do arquivo no trecho sobre a pasta, e discutir o sentido de lembrar para não repetir.

Fonte: elaborado pelo autor, a partir de Pron (2011).

Dessa forma, o quadro mostra que o trabalho com o romance pode partir de operações simples de leitura, como listar expectativas de gênero ou identificar vozes, e chegar a discussões mais complexas, como a relação entre arquivo e esquecimento. Além disso, a proximidade histórica entre as ditaduras da região, inclusive a brasileira, oferece ao estudante um ponto de contato que permite comparar experiências sem apagar suas diferenças. Há também uma razão de formação para levar esse romance à escola, pois se a literatura é um direito, como defende Candido (2011), por humanizar e ampliar a compreensão do outro, ler uma obra sobre silêncio, violência de Estado e memória é acesso a uma experiência que a escola não deve negar. Em contextos de formação em Letras com habilitação em língua espanhola, a leitura de recortes no original, com apoio de tradução, soma-se a isso o trabalho com a língua, já que escolhas lexicais como “detectives” e “policías” participam diretamente da construção do sentido. Para que o romance não vire pretexto para ensinar a história da ditadura, o contexto histórico deve entrar como apoio à leitura dos trechos, e não como substituto dela. Nesse processo, o professor atua como mediador, pois não entrega a interpretação, mas retoma o que os estudantes já notaram e devolve perguntas que os levem a perceber que a lacuna, o silêncio e a fragmentação são procedimentos de sentido e que ler esse tipo de texto é também uma forma de formação crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise, reconhece-se em *El espíritu de mis padres sigue subiendo en la lluvia* um romance que atua como gesto de resistência à ditadura argentina, ao preservar memórias e reconstruir traumas coletivos. Nesse sentido, a subversão do modelo investigativo, que recusa a convenção policial por razões éticas, o uso do arquivo como anestesia e como matéria narrativa, a sobreposição entre o espaço da investigação e o tempo da lembrança e a incorporação das vozes do arquivo do pai configuram uma poética da ausência, na qual lacunas, silêncios e fragmentações não são falhas, mas estratégias que reforçam a impossibilidade de totalizar o passado.

Além disso, o leitor é convidado a participar da investigação e se torna coautor da memória e da reconstrução simbólica, de modo que a obra propõe uma resistência estética e ética ao apagamento histórico e simbólico, em que narrar é também sobreviver e intervir no presente. Para o ensino de leitura literária, isso representa uma oportunidade de desenvolver o letramento literário por meio da leitura de lacunas, da análise de vozes e da problematização da memória histórica, o que reafirma a literatura como espaço de articulação entre arte e educação. Contudo, reconhecemos os limites do estudo, que não inclui aplicação em sala e deixa a escolha do público alvo a critério da mediação. Como desdobramentos, apontamos a elaboração de sequências didáticas a partir dos eixos propostos, a comparação com narrativas de memória sobre a ditadura brasileira e a investigação das leituras produzidas pelos estudantes.

Palavras-chave: Patricio Pron; Romance investigativo; Memória; Ditadura argentina; Leitura literária.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 2.

PRON, Patricio. **El espíritu de mis padres sigue subiendo en la lluvia**. Barcelona: Random House, 2011.

PRON, Patricio. **O espírito dos meus pais continua a subir na chuva**. Tradução de Gustavo Pacheco. São Paulo: Todavia, 2018. E-book.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura e trauma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.